

La Comédiathèque

De animaux e homens

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediatheque.net>**

De Animais e Homens

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Fábulas contemporâneas sobre o mundo tal como vai... e, sobretudo, tal como não vai.

Numa sucessão de sainetes aparentemente autónomos, mas que dialogam entre si, animais estranhamente humanos e homens à beira de perder a sua humanidade interrogam-se sobre a sua existência problemática e o seu devir incerto.

Uma reflexão política e humorística sobre a fragilidade da condição humana e sobre os perigos que hoje ameaçam a nossa democracia.

1 – As Térmitas.....	3
2 – Os Peixes Vermelhos.....	5
3 – Os Burros.....	7
4 – Os Preguiçosos.....	10
5 – A Hidra.....	12
6 – As Pombas.....	14
7 – O Urso.....	15
8 – As Pombas Brancas.....	17
9 – O Melhor Amigo do Homem.....	18
10 – Os Burros Outra Vez.....	20
11 – As Aves de Rapina.....	22
12 – As Borboletas.....	24
13 – Os Necrófagos.....	26
14 – As Galinhas.....	27
15 – As Tartaruguinhas.....	29
16 – Os Peixes.....	30
17 – As Abelhas.....	32
18 – Os Migrantes.....	34
19 – Os Predadores.....	35
20 – Os Sapos.....	36
21 – Os Corvos.....	37
22 – As Presas.....	40
23 – Os Papagaios.....	43

1 – As Térmitas

Um – Então é isto...

Dois – Sim, parece que sim.

Um – Pensávamos que isso nunca chegaria aqui.

Dois – Não.

Uma pausa.

Um – Achas que poderíamos ter feito alguma coisa para o impedir...?

Dois – Pode-se impedir que a maré suba...?

Um – É verdade. Era como uma maré.

Dois – Uma maré humana.

Um – Subiu muito lentamente.

Dois – Durante imenso tempo.

Um – Inexoravelmente.

Uma pausa.

Dois – Ao princípio chamaram-lhe a desdiabolização.

Um – Chamaram-lhe a libertação da palavra.

Dois – Até a liberdade de expressão.

Um – E depois, do direito à estupidez passou-se à ditadura da estupidez.

Dois – Começou com a censura.

Um – Continuou com a autocensura.

Dois – Não chamar a atenção.

Um – Para não se pôr em perigo.

Dois – Farão como fizeram noutros sítios, vais ver. Começarão por infringir a lei.

Um – E depois mudarão a lei.

Dois – Já não se poderá dizer nada. Só se poderá repetir.

Um – Repetir o que os outros já dizem.

Dois – Sem sequer pensar nisso.

Um – Até pensar se tornará perigoso.

Dois – Até existir se tornará perigoso.

Um – Será preciso apagar-se.

Dois – Será preciso apagar tudo.

Um – Começarão por ler o nosso correio.

Dois – Acabarão por ler os nossos pensamentos.

Um – Até ao dia em que já não sejamos verdadeiramente homens.

Dois – Até ao dia em que tenhamos voltado a ser animais.

Um – Animais sociais.

Dois – Até ao dia em que sejamos térmitas.

Um – Que se alimentam das vigas da sua própria casa.

Dois – Até que o teto lhes caia em cima e os sepulte.

Um – Então toda a humanidade terá desaparecido.

Uma pausa.

Dois – Ainda se pode inverter a corrente?

Um – A maré acaba sempre por descer, não é?

Dois – E se desta vez não fosse uma simples maré? E se fosse...

Um – A subida de águas turvas, provocada pelo desajuste político?

Dois – Então já não há nada a fazer...

Um – Quando a lama acabar de cobrir a cidade, os ratos sairão dos esgotos e invadirão as ruas.

Dois – Já andam à solta nas redes sociais.

Escuro.

2 – Os Peixes Vermelhos

Um – Lembras-te do que te disse ontem?

Dois – Não. O que é que me disseste?

Um – Pois... precisamente, já não me lembro.

Dois – Ah, sim...

Uma pausa.

Um – E do que te disse há um momento, lembraste?

Dois – Não. Disseste-me alguma coisa?

Um – Já não sei.

Dois – Não, não estou a ver...

Uma pausa.

Um – E do que acabei de te dizer agora mesmo, disso lembras-te, não?

Dois – Não, o que é que me disseste?

Um – Estava a perguntar-te se... Já não sei...

Dois – Eu também não.

Uma pausa.

Um – Francamente, para que serve continuar a falar se não sabemos o que dizemos?

Dois – Não sei... Para nos sentirmos menos sós, suponho...

Um – Sim...

Dois – Ao mesmo tempo, somos peixes vermelhos, não era suposto falarmos, pois não?

Um – Não, tens razão.

Dois – Mais vale ficarmos calados.

Um – Sim... (*Uma pausa*) Sobretudo porque estão a olhar para nós...

Dois – Ah, sim, é verdade... Estão a olhar para nós, ouve.

Um – Quem são aqueles dois? Parece que nos vigiam...

Dois – As caras deles são-me um pouco familiares, mas... já não sei.

Um – Ou então é o nosso reflexo no aquário.

Dois – Sim, pode ser.

Uma pausa.

Um – Não terá este aquário encolhido um pouco...?

Dois – Desde quando?

Um – Não sei.

Dois – Sim, pode ser que sim...

Um – Ou então somos nós que crescemos.

Dois – Pode ser...

Um – Antes éramos mais pequenos?

Dois – Já não me lembro...

Escuro.

3 – Os Burros

Um – Olá.

Dois – Boa tarde.

Um – Sou sado.

Dois – Muito prazer. Eu sou o Juan Antonio.

Um – Eh... Não, quero dizer... Sou sado... tu és maso?

Dois – Maso? Queres dizer, eh... Não... Porquê?

Um – Ah, não, desculpa, eu... Ao ver-te assim, pensei que...

Dois – Achas que tenho cara de maso...?

Um – Não, não, de todo... Bem, um bocadinho talvez, não?

Dois – Pois não...

Um – Está bem, está bem... Enganei-me... Então tu também és sado.

Dois – Sado? Mas não, porquê?

Um – Pois... se não és maso, és sado, não é?

Dois – Ah, é...? E porquê?

Um – Porque estamos num clube sado-maso...

Dois – Estamos num clube sado-maso?

Um – Claro... Não sabias?

Dois – Pois não... Pensava que era um clube normal... Enfim... um clube, apenas...

Um – Mas deves ter visto o letreiro à entrada.

Dois – *A Fusta*...?

Um – E isso não te fez pensar em nada?

Dois – Como há um hipódromo mesmo ao lado...

Um – Pensaste que era um clube de cavaleiros.

Dois – Não só isso, mas...

Um – És cavaleiro?

Dois – Não. Mas gosto de cavalos. Apanho apostas nas corridas de vez em quando. Acabei mesmo agora de acertar a aposta. Vim aqui celebrar...

Um – Num clube sado-maso...

Dois – Estou a dizer-te que não sabia!

Um – Mas deves ter reparado que a clientela tem um estilo um bocadinho particular, não?

Dois – Um bocadinho particular...?

Um – O couro, as correntes, os bigodes...

Dois – Pensei que era uma gangue de bikers em festa.

Um – Já...

Dois – Não sabia... Acontece, não é?

Um – Ou talvez seja um acto falhado...

Dois – Um acto falhado...?

Um – Pode ser que, no fundo, soubesses perfeitamente onde te estavas a meter e te apetecesse experimentar.

Dois – Experimentar? Experimentar o quê?

Um – Já experimentaste alguma vez?

Dois – Não...

Um – Então como sabes que não te vai agradar, se nunca experimentaste?

Dois – Há imensas coisas que nunca fiz e que não tenho a mínima vontade de experimentar, garanto-te.

Um – Ah, sim? Como quais...?

Dois – Sei lá... Saltar de pára-quedas, por exemplo.

Um – Pois não sabes o que perdes.

Dois – Tu já saltaste de pára-quedas?

Um – Sou pára-quedista.

Dois – Ah, sim... Mas pára-quedista...

Um – Pára-quedista.

Dois – Ah, está bem... E então, eh... Mas tu também de certeza que há coisas que nunca fizeste e que não te apetece experimentar, não?

Um – Como quais?

Dois – Sei lá... Votar à esquerda, por exemplo...

Um – Isso já experimentei, imagina...

Dois – Ah, sim...? E então... não gostaste...?

Um – Digamos que achei muito decepcionante.

Dois – Entendo... Então pensaste em... sado-maso.

Um – Quando nunca se experimentou...

Dois – Está bem...

Um – Um azotinho rápido, assim, não te diz nada?

Dois – Um açoite...?

Um – Com uma fusta, se preferires.

Dois – Olha, isso fazia-me lembrar a minha juventude.

Um – Quando eras jovem frequentavas clubes sado-maso?

Dois – Não, mas andava na escola pública. Lá fazia-se na aula, à frente de todos, e com o consentimento dos pais. A professora tinha a fusta e eu recebia o açoite.

Um – A professora a açoitar-te com uma fusta...

Dois – A verdade é que, se pensares nisso agora...

Um – Vês! Eu bem sabia que eras maso!

Dois – Acho que é melhor eu ir-me embora.

Um – Volta quando quiseres. Se algum dia te apetecer voltar a experimentar...

Dois – Está bem... Vou... vou pensar nisso...

Um – Isso mesmo, pensa...

Dois – Vou-me embora...

Um – Até breve, Juan Antonio.

Escuro.

4 – Os Preguiçosos

Um – Ah, estás aí... Não te ouvi chegar.

Dois – No entanto, levei um bom bocado a vir até ti. Estava no ramo mesmo por cima. Saí há vinte minutos...

Um – Tinhas alguma coisa urgente para me dizer?

Dois – Não, mas... estava a começar a preocupar-me.

Um – E porquê?

Dois – Estás há duas horas sem te mexer. Em que é que estás a pensar?

Um – Perguntava-me como é que conseguimos sobreviver durante milhões de anos.

Dois – Ah, sim...?

Um – E ainda hoje, como é que conseguimos viver mais de cinquenta anos.

Dois – É verdade. Eu também me pergunto isso às vezes. Bom, não muito frequentemente...

Um – Movemo-nos lentíssimos, não se pode dizer que sejamos muito espertos, demoramos quase um mês a digerir o que comemos...

Dois – E só comemos folhas, não sei porquê. Quando há tantas coisas muito mais nutritivas para comer do que folhas.

Um – O mundo muda, mas nós continuamos sempre iguais. Não evoluímos absolutamente nada para nos adaptarmos ao nosso meio...

Dois – Dizem que o Homem descende do macaco, e que o macaco desce da árvore... Nós só descemos da árvore uma vez por semana, e é para defecar.

Um – Já nem sequer me lembro porque é que fazemos isso, além do mais.

Dois – Porque é que só defecamos uma vez por semana?

Um – Porque é que somos obrigados a descer da árvore para isso.

Dois – Não sei.

Um – Sobretudo porque é precisamente nesse momento que somos mais vulneráveis.

Dois – Pois... Por outro lado... temos a carne bastante passada, estamos cobertos de algas e parasitas, cheiramos mal...

Um – É verdade... Não somos propriamente muito apetecíveis.

Dois – Deve ser por isso que sobrevivemos todo este tempo.

Um – Os homens dizem que é melhor provocar desejo do que compaixão... Para nós, os preguiçosos, seria mais bem o contrário.

Dois – Sim, quando não corres depressa e não tens com que te defender, mais vale inspirar nojo do que desejo, sem dúvida.

Um – Até as tartarugas andam mais depressa do que nós.

Dois – E elas, pelo menos, podem sempre refugiar-se no casco.

Um – Já alguma vez fizeste uma corrida com uma tartaruga?

Dois – Não... Com um caracol, sim. Ganhou o caracol. Não estava muito em forma nesse dia...

Uma pausa.

Um – Bem, então vamos?

Dois – Para onde?

Um – Lá em baixo, defecar.

Dois – É hoje?

Um – É amanhã, mas como demoramos um dia inteiro a descer da árvore...

Dois – Tens razão...

Um – Não é preciso ter uma necessidade urgente, pois não?

Dois – Não...

Escuro.

5 – A Hidra

Um – Ouviste isto? No Afeganistão, as mulheres estão condenadas a viver em quartos sem janelas...

Dois – Sem janelas...?

Um – Para não correrem o risco de serem vistas pelos vizinhos.

Dois – É uma loucura... quando bastaria fechar as persianas.

Um – Até nos Estados Unidos, o direito ao aborto está a ser posto em causa na maioria dos estados.

Dois – Pensar que a América era outrora o país da liberdade...

Um – E na Europa não estamos muito melhor...

Dois – Pensávamos ingenuamente que o progresso avançava apenas num sentido, e que a luz acabaria por dissipar as trevas.

Um – Mas em todo o mundo a religião volta a levantar a cabeça.

Dois – A religião... é como aquele monstro da mitologia grega. Cortas-lhe uma cabeça e voltam a crescer três.

Um – Sim... As três religiões monoteístas.

Dois – As religiões monoteístas são as piores. Os gregos tinham uma só religião, mas vários deuses. Pelo menos podias escolher. E tudo ficava em família...

Um – Hoje há várias religiões, mas é a tua comunidade que te impõe a sua desde que nasces.

Dois – Só tens direito a um deus por pessoa...

Um – E como cada um desses três deuses pretende ser o único com direito a existir...

Dois – Acaba sempre em guerras de religião.

Um – O ateísmo é a primeira das crenças no nosso país e, no entanto, somos nós a quem se pede que baixemos a cabeça.

Dois – É verdade. Antes da Primeira Guerra Mundial, em França havia apenas uma religião dominante. Ser anticlerical era ser de esquerda e antiburguês.

Um – Hoje criticar a religião é ser racista e antiproletário.

Dois – No entanto, Marx já dizia que a religião é o ópio do povo.

Um – É verdade que, nessa altura, o ópio era um luxo reservado às elites.

Dois – E até há poucos anos, a cocaína era património do mundo do espectáculo.

Um – Sim. As drogas em comprimidos de todo o tipo eram caras. As hóstias, pelo contrário, são grátis.

Dois – Isso permitiu-lhes inundar o mercado.

Um – As hóstias... ao princípio parecem menos perigosas para a saúde do que o LSD, mas no fim também atacam os neurónios.

Dois – E ao que parece são ainda mais viciantes.

Um – Infelizmente, a religião também não impediu que a cocaína se democratizasse.

Dois – É a dupla condenação...

Um – Então, já não há esperança...?

Dois – Nunca se deve desesperar da liberdade... Expulsa-la pela porta e ela volta pela janela.

Um – Deve ser por isso que no Afeganistão decidiram tapar as janelas.

Escuro.

6 – As Pombas

Um – Vês aquelas duas pombas no ramo?

Dois – Sim.

Um – Achas que são um casal?

Dois – Pode ser.

Um – Não sei se têm o ninho por aqui ou se estão apenas de passagem.

Dois – Não sei.

Um – Daqui a alguns segundos vão levantar voo e nunca mais as voltaremos a ver.

Dois – Sim...

Um – Nunca saberemos para onde foram nem porquê.

Uma pausa.

Dois – Ao mesmo tempo, isso é-nos indiferente, não é?

Um – Estás a ver? Parece que nos estão a olhar...

Dois – Sim.

Um – Achas que eles também fazem a mesma pergunta?

Dois – Que pergunta?

Um – Quando é que vamos levantar voo daqui e porquê?

Dois – Não sei... *(Uma pausa)* Bem, levantamos voo...

Um – Está bem. Para onde vamos?

Dois – Não sei...

Escuro.

7 – O Urso

Um – O que estás a ler?

Dois – Não estou a ler, é... é um método...

Um – Um método...?

Dois – Um método de línguas...

Um – Ah, sim? E para quê?

Dois – Para aprender línguas! Línguas estrangeiras...

Um – Ah, está bem... É para as tuas próximas férias, então? Inglês? Italiano?

Dois – Russo.

Um – Russo...? Estás a brincar?

Dois – Não.

Um – Queres ir de férias à Rússia?

Dois – Não.

Um – Então por que queres aprender russo?

Dois – Porquê não? A Rússia é um país grande, não é? E depois, a literatura russa não é coisa pouca.

Um – Tolstói pode ler-se na nossa língua...

Dois – Sim, mas não é a mesma coisa... e além disso, o russo pode sempre servir para alguma coisa.

Um – Servir? Para quê?

Dois – Não sei... Para o caso de um dia nos invadirem...

Um – Está bem... Ou seja, já estás a aprender a língua do ocupante.

Dois – No pior dos casos, sempre poderei ler *Guerra e Paz* na versão original...

Um – Acreditas mesmo que os russos poderiam chegar até aqui?

Dois – Os alemães já desfilaram pelos Campos Elísios.

Um – Isso ficava bastante mais perto. Só tinham de atravessar o Reno.

Dois – Napoleão também invadiu a Rússia.

Um – E não lhe correu nada bem. E já agora, porque é que há um urso na capa do teu livro?

Dois – É o símbolo da Rússia... forte e imprevisível. Eu digo que mais vale estar preparado para qualquer eventualidade. Tu também devias começar.

Um – Não será para amanhã, pois não?

Dois – Não, mas o russo não se aprende numa semana...

Escuro.

8 – As Pombas Brancas

Um – Que barulho é esse lá fora...? É infernal... Até faz fugir as pombas...

Dois – São pombas brancas...

Um – Parece... música militar.

Dois – Ah, sim, pode ser...

Um – Sim, é isso... música militar.

Dois – Sim, uma banda...

Um – Música militar... É incrível...

Dois – O quê?

Um – Música e militar... soa como um oxímoro, não?

Dois – Um quê?

Um – Duas palavras que não combinam muito bem juntas. Não como *Michelle* e *Ma Belle*, estás a ver?

Dois – *Michelle* e *Ma Belle*...?

Um – A canção dos Beatles!

Dois – Ah, sim...

Um – A música é mais uma coisa pacifista, não é?

Dois – É verdade...

Um – Diz-se que a música amansa as feras.

Dois – Sim...

Um – Então a música não devia ter nada a ver com a guerra, não?

Dois – Não.

Um – Agora bem, é verdade que a música militar... dá imediatamente vontade de matar alguém.

Dois – A começar pelo tipo que compôs essa obra-prima...

Escuro.

9 – O Melhor Amigo do Homem

Um – Posso sentar-me contigo?

Dois – Estou de pé...

Um – Posso ficar de pé ao teu lado?

Dois – Se fechares a puta da boca...

Uma pausa.

Um – É incrível...

Dois – Não tínhamos dito que tinhas de te calar...?

Um – Segundo as últimas investigações em física quântica, 99,99 % de um átomo seria constituído por vazio.

Dois – Não me digas...?

Um – Isso quer dizer que nós também somos quase inteiramente feitos de vazio.

Dois – Pois olha, no teu caso não me surpreende assim tanto.

Um – Dá medo, não dá?

Dois – Para já, o meu copo está meio vazio. (*Bebe o copo.*) Toma, agora está cem por cento vazio. Pagas a rodada?

O outro pega no copo e observa-o.

Um – Ah, acho que ainda há uma gota no fundo. Pode dizer-se que só está vazio a 99,99 %. Ou seja, está tão cheio como tu. Acho que se acrescentasses mais uma gota o copo transbordava.

Dois – Física quântica... Tu lêes livros de física quântica? Se eu nunca te vi sequer abrir o jornal.

Um – Vi isto no meu mural do Facebook.

Dois – Já vais ver que daqui a pouco vai bastar ler todas essas parvoíces no Facebook para ganhar o Prémio Nobel da Matemática.

Um – Não existe Prémio Nobel da Matemática.

Dois – Como assim, não existe Prémio Nobel da Matemática?

Um – Não.

Dois – E por que raio não existe o Prémio Nobel da Matemática?

Um – Porque a senhora Nobel pôs os cornos ao senhor Nobel com um matemático. Bem, foi isso que li no Facebook...

Dois – E o que é que o senhor Nobel inventou, para além do Prémio Nobel?

Um – Inventou a dinamite.

Dois – A dinamite?

Um – A dinamite.

Dois – E isso foi antes ou depois de saber que era cornudo?

Um – Não sei...

Dois – De certeza que foi depois.

Um – Como vês, quando alguém está motivado...

Dois – Sim... Olha, tu também és cornudo e nunca inventaste nada...

Uma pausa.

Um – Sabias que os preguiçosos só descem da árvore uma vez por semana?

Dois – Não, e estou-me completamente a cagar.

Um – E sabes porquê?

Dois – Olha, diz-se de alguns animais que só lhes falta a palavra. Tu és exactamente o contrário. Se ao menos fechasses a puta da boca, serias o companheiro perfeito...

Escuro.

10 – Os Burros Outra Vez

Um – Viste aquilo? Há um burro na rotunda, sentado numa cadeira.

Dois – Um burro...? Então eles voltaram?

Um – Quem?

Dois – Os coletes amarelos.

Um – Um burro! Não sabes o que é um burro?

Dois – Bom... Sei, tenho um à minha frente.

Um – Estou-te a falar de um burro a sério, caralho!

Dois – Um burro a sério...? E fica ali, sentado numa cadeira?

Um – No meio da rotunda.

Dois – E a quem é que se lembrou pôr uma cadeira no meio de uma rotunda?

Um – Digo-te que há um burro sentado numa cadeira no meio de uma rotunda e tu perguntas-me quem pôs a cadeira?

Dois – E então...?

Um – Quando o sábio aponta para o burro, o idiota olha para a cadeira...

Dois – Mais um dos teus provérbios chineses. Tens a certeza de que não acabaste de o inventar?

Um – É uma adaptação livre...

Dois – Bom... E que raio está esse burro a fazer, na sua cadeira, no meio da rotunda? A regular o trânsito?

Um – Está morto.

Dois – Está morto?

Um – Pois claro que está morto! Se não, não ficaria assim, sentado numa cadeira no meio de uma rotunda.

Dois – Daí a minha pergunta: quem pôs a cadeira?

Um – E sobretudo, quem pôs o burro na cadeira?

Dois – E ainda mais: quem matou o burro?

Um – Porque achas que o mataram?

Dois – Se está morto! Conheces muitos burros que morram de morte natural sentados numa cadeira no meio de uma rotunda?

Um – Também esta mania de construir rotundas...

Dois – O quê?

Um – Para que serve esta rotunda? Antes era um cruzamento e ninguém se queixava.

Dois – Havia bastantes acidentes.

Um – Já...

Dois – Houve vários mortos.

Um – Pode ser... mas nunca um burro!

Dois – Tens razão... É uma história bastante estranha...

Escuro.

11 – As Aves de Rapina

Um – Não estão as coisas para grandes alegrias, pois não?

Dois – Não.

Um – Há tanta miséria no mundo.

Dois – Tantas guerras.

Um – Crianças que morrem à fome.

Dois – Terramotos.

Um – Inundações.

Dois – Tornados.

Um – Até aqui, no nosso país, leem-se tantas atrocidades nos jornais.

Dois – Acidentes.

Um – Crimes.

Dois – Violações.

Um – Afogamentos.

Dois – Indigestões.

Um – E, no entanto, nós continuamos a viver tranquilamente.

Dois – Sim. Não nos tira o sono, a verdade é essa.

Um – E não nos corta o apetite.

Dois – Para que serviria deixarmo-nos morrer à fome?

Um – Para nada, é claro.

Dois – Portanto, mais vale continuarmos a empanturrar-nos.

Um – Sirvo-te mais?

Dois – Obrigado, mas já não consigo engolir mais nada...

Um – Espero que não tenha sido o que te disse que te tirou o apetite.

Dois – Qual quê... Mas já me serviste três vezes.

Um – Achas que somos demasiado egoístas?

Dois – O que é que podemos fazer, de qualquer maneira?

Um – Não sei. Nada, provavelmente.

Dois – Pensar nisso de vez em quando.

Um – Pensar e esquecer.

Dois – É assim a vida.

Um – É o que há.

Dois – E depois, os outros, no fundo... estamos-nos bem a borrifar para eles, é preciso dizê-lo.

Um – Nem sequer os vizinhos nos importam um caralho.

Dois – Nem os amigos.

Um – Nem a família.

Dois – E a eles também não lhes importamos nós.

Um – É assim. É a vida.

Dois – É triste, mas é assim.

Um – É triste?

Dois – Sim, pronto...

Um – De qualquer maneira, estamos contentes por não sermos nós a passar por tudo isso.

Dois – Sim, muito contentes.

Um – Vá, temos de acabar com isto tudo.

Dois – Afinal de contas... não é todos os dias domingo.

Um – Hoje é domingo? Pensava que ontem é que era domingo...

Dois – Ah, sim, pode ser...

Um – No fundo, domingo ou segunda-feira, que diferença faz?

Dois – Não é isso que nos vai tirar o apetite.

Um – Para nós, todos os dias são domingo, não é?

Dois – Se até de ti me estou a cagar! Vá, à minha saúde!

Escuro.

12 – As Borboletas

Um – Olá.

Dois – Olá.

Um – És nova por aqui?

Dois – Sim. E tu?

Um – Também. Estou aqui desde ontem.

Dois – Eu igual.

Um – Pronto, e... fodes?

Dois – Não sei muito bem. Isto não é tudo um bocado precipitado? Amanhã, talvez...

Um – Amanhã estaremos mortos. Somos borboletas. Só vivemos um ou dois dias. E como já estamos aqui desde ontem...

Dois – Ah, é...? Está bem...

Um – Então?

Dois – Podias convidar-me para almoçar antes, ou... sei lá... pagar-me uma bebida...?

Um – Gostava, mas...

Dois – Mas quê?

Um – Não temos boca. Nem sistema digestivo. Estamos aqui só para nos reproduzirmos e depois morremos.

Dois – Tens a certeza?

Um – A certeza absoluta.

Dois – Bom...

Um – Já... Eu sei... O amor entre borboletas não é muito romântico, mas enfim...

Dois – Já...

Um – Posso fazer-te uma dança nupcial, se quiseses.

Dois – E depois beijamo-nos...?

Um – Não temos boca, estou-te a dizer...

Dois – Está bem, esquece a dança nupcial...

Um – Ótimo... Não, é que tinha preparado uma pequena coreografia, mas acho que ainda não a domino totalmente.

Dois – Em tua casa ou na minha?

Um – Somos borboletas, digo-te eu.

Dois – Está bem, então vamos fazer borboletinhas.

Um – Sim...

Dois – E agora?

Um – Não vão ser borboletinhas, sabes...

Dois – Então vão ser o quê?

Um – Larvas.

Dois – Ah, já... É preciso estar mesmo muito motivado, não é...?

Um – É para perpetuar a espécie.

Dois – Bom, se é para perpetuar a espécie, então... Vamos a isso...

Escuro.

13 – Os Necrófagos

Um – Quando penso em toda essa pobre gente que não tem nada para comer...

Dois – Outra vez...?

Um – Enquanto nós estamos aqui a empanturrar-nos.

Dois – Por outro lado, às vezes também já não sabemos muito bem o que comemos, pois...

Um – É verdade... Já nem sabemos o que comer.

Dois – O peixe está cheio de mercúrio.

Um – A carne vem carregada de antibióticos.

Dois – Os legumes estão saturados de pesticidas.

Um – Até no chocolate dizem que há uma concentração de metais pesados.

Dois – Sem falar da água da torneira.

Um – Ou mesmo da água mineral, por causa das garrafas de plástico.

Dois – Sim... Não sei quem dizia que cada um cava a sua própria sepultura com os dentes.

Um – É um provérbio chinês, acho eu.

Dois – É incrível a quantidade de provérbios de merda que os chineses conseguiram inventar.

Um – Cavamos a nossa sepultura com os dentes... Vai dizer isso aos que morrem à fome em África ou em qualquer outro sítio.

Dois – Seja como for, é preciso comer alguma coisa, isso é certo. Não vamos deixar-nos morrer à fome.

Um – Sim... Já que é para morrer de alguma coisa, mais vale morrer de barriga cheia.

Dois – Sirvo-te mais?

Um – Com muito gosto...

Escuro.

14 – As Galinhas

Um – Não está muito calor esta manhã, pois não?

Dois – Pois não. Pode até dizer-se que estamos a gelar.

Um – Olha, já me arrepiou a pele.

Dois – Sim, a mim também.

Um – Ao mesmo tempo, é normal. Somos galinhas.

Dois – É verdade.

Um – Ainda assim, pergunto-me se não estarei constipado.

Dois – Criadas ao ar livre, como dizem... Está muito bem, mas... quando lá fora estão cinco graus abaixo de zero...

Um – Quase acabaríamos por sentir saudades da criação em bateria.

Dois – Quem terá sido a passar-te esse vírus?

Um – Ontem passou um bando de aves migratórias, lembras-te? Vieram debicar o nosso grão.

Dois – Esses migrantes acham que têm direito a tudo.

Um – Sim... Não se sabe de onde vêm...

Dois – E estão cheios de doenças.

Um – E tu, como estás?

Dois – Para já, bem. Mas não te aproximes muito, por via das dúvidas.

Um – Oh, de qualquer maneira, doentes ou não, se for gripe aviária...

Dois – O quê?

Um – Vão sacrificar todo o bando, não vão?

Dois – Sim... (*Uma pausa.*) Diz-se bando, para galinhas?

Um – E que outra coisa diríamos?

Dois – Não sei.

Um – Vão sacrificar todo o bando, vais ver.

Dois – E entretanto, os migratórios já estarão a apanhar sol e a dourar a plumagem.

Um – Esses não correm o risco de se constipar, isso é certo...

Dois – Às vezes pergunto-me se não teria preferido ser uma ave selvagem.

Um – Tens sempre de exagerar.

Dois – Sim...

Escuro.

15 – As Tartaruguinhas

Um – Ouviste a peixeira esta manhã, no mercado?

Dois – O quê?

Um – Quando nos viu chegar, disse: «Olá, tartaruguinhas».

Dois – «Olá, tartaruguinhas»...?

Um – É um bocado familiar, não é? Quero dizer... até para uma peixeira.

Dois – Eu não ouvi nada disso.

Um – «Olá, tartaruguinhas»... Vá lá, é verdade que já envelhecemos e que já não andamos muito depressa, mas daí a chamar-nos tartarugas...

Dois – Estou a dizer-te que não ouvi nada. Além disso, esta manhã nem fomos à peixaria.

Um – Ah, não?

Dois – Comprámos um frango.

Um – Ah, sim? Tens a certeza?

Dois – O que comemos ao almoço.

Um – Bom, então deve ter sido a frangueira.

Dois – «Olá, tartaruguinhas»... Agora sim, isso soa-me. Tens a certeza de que não disse antes «Olá, rolinhas»?

Um – «Rolinhas»...?

Dois – A frangueira, estou-te a dizer! Porque é que havia de dizer «olá, tartaruguinhas»?

Um – Ah, se calhar ouvi mal...

Dois – Sim... A verdade é que ultimamente estás um bocadinho surdo.

Um – «Olá, rolinhas» é bem mais simpático, não é?

Dois – Sim...

Um – Mas tens a certeza? Tartaruguinhas e rolinhas... não soa lá muito parecido.

Dois – Ou será que sou eu que estou a ficar surda...

Escuro.

16 – Os Peixes

Um – É incrível... Ao que parece, os cientistas conseguiram criar matéria a partir do nada.

Dois – Ah, sim...?

Um – Não parece que isso te surpreenda.

Dois – Já há muito tempo que os autores de teatro conseguiram fazer isso.

Um – Como assim?

Dois – Criar uma peça de teatro a partir do nada.

Um – A partir do nada?

Dois – Pegas em duas personagens que não existem, colocas uma em frente da outra e esperas...

Um – Mas duas personagens que tenham alguma coisa para dizer uma à outra?

Dois – Mesmo que não tenham nada para dizer... isso pode ser o tema da peça.

Um – O tema? Que tema?

Dois – Duas personagens que não têm nada para dizer uma à outra.

Um – Mas acontece alguma coisa, pelo menos?

Dois – Não necessariamente. Isso também pode ser o tema da peça.

Um – Duas personagens que não têm nada para dizer uma à outra e não acontece nada?

Dois – Sim. Acho que pode perfeitamente ser o tema de uma peça.

Um – Está bem.

Dois – É até um tema muito contemporâneo. A dificuldade em comunicar... a ausência de perspectivas... tudo isso...

Um – Tudo isso... a partir do nada?

Dois – Não, quer dizer... é um tema muito bom para uma peça, garanto-te. Tenho até o título.

Um – Ah, sim?

Dois – *Os Peixes*.

Um – *Os Peixes*.

Dois – Diz-se “mudo como uma carpa”, não é? Portanto, para uma peça com duas personagens que não têm nada para dizer uma à outra...

Um – Está bem... Mas quando dizes uma peça... queres dizer uma peça aborrecida.

Dois – Esse é o risco... da criação *ex nihilo*.

Um – Está bem.

Dois – Além disso, faço-te notar que... *ex nihilo nihil fit*. Nada vem do nada.

Um – Está bem.

Dois – E diria até mais: *ex nihilo nihil fit, in nihilum nil posse reverti*. Nada vem do nada, nada pode voltar ao nada.

Um – Está bem...

Dois – O que os cientistas conseguiram não foi criar matéria a partir do nada, mas criar matéria a partir da luz.

Um – Bom...

Dois – Por outras palavras, mesmo no teatro é possível criar alguma coisa a partir do nada... mas é preciso ser uma verdadeira lumbriga.

Escuro.

17 – As Abelhas

Um – Olá, tu também és recolhedora? Nunca te tinha visto cá fora...

Dois – Não, eu sou ama.

Um – Ah, está bem... Então é por isso.

Dois – Deve ser agradável, isso de recolher. Ao menos vês mundo.

Um – Sim, enfim... depende do tempo. Às vezes também me apetecia ficar ao quentinho dentro da colmeia.

Dois – E como vai a recolha do pólen? Estamos em plena época, não é?

Um – Não nos podemos queixar. Agora andamos no castanheiro.

Dois – No castanheiro? Pensava que era a alfazema.

Um – Eu também, mas ontem de manhã acordei e, quando saí cá fora, os campos de alfazema tinham sido substituídos por um bosque de castanheiros.

Dois – Às vezes pergunto-me se, durante a noite, a colmeia não se moverá sozinha.

Um – Sozinha, achas?

Dois – Não sei...

Um – Seja como for, esta colmeia é bem organizada. Cada um tem a sua função.

Dois – Sim... Achas que haverá colmeias menos bem organizadas?

Um – Não sei, é a única que conheço.

Dois – Seja como for, este ano vai haver outra vez muita mel.

Um – Sim... Olha, queria fazer-te uma pergunta, tu que estás muitas vezes dentro da colmeia.

Dois – Sim...?

Um – Para onde vai parar toda a mel que fabricamos?

Dois – Porque é que me perguntas isso?

Um – Não sei, fabricamos quilos de mel e a nós dão-nos a comer uma espécie de melaço intragável.

Dois – Não sei... É como com os campos de alfazema. Acordas uma manhã e toda a mel desapareceu. Substituíram-na por melaço...

Um – Eu gosto de mel. Gostava de a comer de vez em quando. Tu já comeste mel alguma vez?

Dois – Não...

Um – Às vezes pergunto-me se não nos estarão a tomar um pouco por parvas...

Dois – Quem...?

Um – Pois... não sei muito bem, precisamente...

Escuro.

18 – Os Migrantes

Um – Para onde poderemos ir de férias este ano?

Dois – Não sei... Cada vez é mais difícil encontrar um país que não seja uma ditadura...

Um – Finlândia...?

Dois – E onde, além disso, se possa apanhar um pouco de sol no verão.

Um – No tempo do Franco, as pessoas iam de férias para a Costa Brava e isso não as incomodava assim tanto.

Dois – Eram ditadores que não tinham sido eleitos democraticamente. Podia esperar-se que um dia a situação mudasse. O que a mim me incomoda é ir de férias para um país onde as pessoas escolheram deliberadamente a ditadura.

Um – Como no nosso, queres dizer...

Dois – Tens razão... Também não vamos privar-nos de férias...

Escuro.

19 – Os Predadores

Um – Se uns extraterrestres aterrassem agora mesmo na Terra, o que é que lhes dirias?

Dois – Dir-lhes-ia... que voltassem imediatamente para casa. Aqui não há nada que possamos ensinar-lhes. Tínhamos tudo para sermos felizes. E, no entanto, uma ínfima minoria de privilegiados faz da vida de todos os outros um inferno.

Um – Ah, já...

Dois – E se decidirem ficar para nos colonizar, que não se preocupem. Nada do que possam fazer aos homens que já não tenha sido infligido por outros homens.

Um – Está bem...

Dois – E se quiserem destruir a Terra e exterminar a Humanidade, que também não se preocupem. De qualquer maneira, dentro de muito pouco tempo teríamos chegado ao mesmo resultado sem qualquer ajuda exterior.

Um – Então dir-lhes-ias isso...?

Dois – Sim... E tu?

Um – Não sei... Estou à procura de circunstâncias atenuantes...

Escuro.

20 – Os Sapos

Um – A vida é injusta, a verdade é essa...

Dois – O quê?

Um – Nós, os sapos, somos estigmatizados, não somos?

Dois – Ah, sim...? E o que te faz dizer isso...?

Um – Pois... não conheço ninguém que sonhe reencarnar num sapo, pois não?

Dois – Sim... Deve ter sido por isso que inventaram essa história.

Um – Que história?

Dois – A do sapo que se transforma em Príncipe Encantado.

Um – Desde que se encontre uma princesa disposta a beijar um sapo. Não nos deixa grandes esperanças, a verdade.

Dois – É verdade.

Um – Achas que alguma vez aconteceu um sapo transformar-se num Príncipe Encantado?

Dois – O que é certo é que, com a idade, todos os príncipes encantados acabam por se transformar em sapos.

Escuro.

21 – Os Corvos

Um – Está tudo bem?

Dois – Sim, porque perguntas...?

Um – Não sei. Às vezes tenho a impressão de que há qualquer coisa que não está bem.

Dois – Não, não, está tudo bem...

Um – Diz-se que todos os corvos se parecem, mas não sei... tu sempre me pareceste diferente...

Dois – Ah, sim...?

Um – Não sei... qualquer coisa na tua maneira de grasnar. Até na tua forma de voar...

Dois – Achas...?

Um – Estou enganado?

Dois – Não.

Um – Então o que é? Qual é o teu segredo?

Dois – Não vais contar a ninguém?

Um – Juro.

Dois – Logo que saí do ovo, fui adoptado por uns humanos.

Um – Não...?

Dois – Não cheguei a conhecer os meus pais. Pelo que vim a saber mais tarde, a árvore onde estava o nosso ninho foi abatida por um lenhador. Os meus pais fugiram e eu caí ao pé da árvore. Foi o lenhador que me levou para casa.

Um – É incrível... E depois?

Dois – Davam-me de comer à colher. Dormia abrigado dentro de casa.

Um – Meteram-te numa gaiola?

Dois – Não, era completamente livre.

Um – Podias ter fugido.

Dois – Todos eram muito simpáticos comigo. E além disso, para onde iria eu? Não conhecia nenhum outro corvo. Nem sequer sabia que era um corvo.

Um – Não sabias que eras um corvo?

Dois – Nunca tinha visto outras aves. Nem sequer sabia que podia voar.

Um – Não...?

Dois – Para me deslocar pela casa e pelo jardim limitava-me a dar pequenos saltos. Não precisava de voar. Nem sequer sabia o que isso significava. Os meus humanos também não voavam...

Um – E depois?

Dois – Vivi assim durante alguns anos. Era bastante feliz.

Um – E depois?

Dois – Um dia dei um salto um pouco mais alto do que o habitual para subir para cima de uma mesa, bati as asas e percebi que podia voar. Ao princípio apenas para subir a um muro. Depois a uma árvore. E pouco a pouco comecei a voar como um corvo a sério.

Um – Então foste-te embora?

Dois – Não imediatamente. Estava bem com eles. E não sabia para onde ir. Às vezes ia-me embora por algumas horas, mas voltava sempre. Depois ausentava-me durante alguns dias...

Um – E depois?

Dois – Conheci outros corvos e percebi que o meu lugar não era junto dos humanos.

Um – Não deve ter sido fácil...

Dois – Não. Tive de aprender tudo. Aprender a alimentar-me sozinho, para começar. E depois desaprender tudo o que tinha aprendido na minha família de acolhimento. Porque rapidamente compreendi que, para os outros humanos, eu não passava de um corvo como os outros. Que não podia esperar nada deles e que corria o risco de levar um tiro se me aproximasse demasiado.

Um – Eu bem dizia que não eras como os outros...

Dois – Sim...

Um – E nunca sentiste falta da tua família de acolhimento?

Dois – Sim, às vezes ainda penso neles. Mas tinha de os deixar para viver a minha vida de corvo. Acho que, no fundo, eles compreenderam isso muito bem. E agradeço-lhes nunca me terem metido numa gaiola.

Um – E os teus verdadeiros pais...?

Dois – Nunca mais os voltei a ver. Anos depois voltei ao lugar onde o lenhador tinha abatido a minha árvore. Já não era um bosque, era um campo de trigo. Nesse dia havia muitos corvos no céu. E cá em baixo estava um tipo a pintar um quadro.

Um – Um quadro?

Dois – Um pintor...

Um – Ah, sim, já vi algum uma vez ou outra... E o que é que ele pintava?

Dois – O campo... com os corvos.

Um – Então, talvez tu estejas no quadro...

Dois – Pode ser.

Um – Espera aí... Vês aquele sapo, ali?

Dois – Sim, até há dois.

Um – Não terás um bocadinho de fome...?

Escuro.

22 – As Presas

Um – Está tudo bem?

Dois – Sim...

Uma pausa.

Um – Não parece que esteja a correr bem.

Dois – Sim, sim, está tudo bem...

Um – Está bem...

Uma pausa.

Dois – Detiveram o vizinho...

Um – O vizinho?

Dois – O vizinho da esquerda.

Um – Como sabes que é de esquerda? Já há muito tempo que não falamos de política. E ainda menos com os vizinhos...

Dois – O do patamar, o do apartamento da esquerda.

Um – Ah, sim. O vizinho da esquerda... Então... detiveram-no.

Dois – Sim.

Uma pausa.

Um – Porque é que o detiveram?

Dois – Vai-se lá saber...

Uma pausa.

Um – Então detiveram-no...

Dois – Sim...

Um – Ah, sim, é...

Dois – É assim.

Um – E como é que sabes?

Dois – Vi um carro preto estacionar em frente ao prédio. Depois ouvi barulho no patamar. Olhei pelo óculo da porta. Bateram à porta dele. Abriu e detiveram-no.

Um – E depois levaram-no...

Dois – Quando os vi chegar... pensei que iam bater à nossa porta. Dá-me um bocado de vergonha, mas... quando vi que batiam à porta do vizinho, senti-me aliviado.

Um – Compreendo...

Uma pausa.

Dois – Achas que também nos vão deter a nós?

Um – Porque haveriam de nos deter?

Dois – Vai-se lá saber... Talvez porque conhecíamos o tipo que acabaram de deter.

Um – Tu conhecias-lo?

Dois – Não... Bom, disse-lhe olá uma ou duas vezes.

Um – Talvez não devesse tê-lo feito.

Dois – Como é que eu havia de saber...?

Um – Saber o quê...?

Dois – Que o iam deter.

Um – De qualquer forma, não se detém alguém só por ter dito olá a outra pessoa.

Dois – Achas...?

Um – Não sei... Eu já não digo olá a ninguém, assim...

Dois – É preciso dizer olá às pessoas que se conhece.

Um – Eles também não nos dizem olá a nós, relembro-te.

Dois – É verdade.

Um – Além disso, já não conhecemos ninguém.

Dois – Não, todos os que conhecíamos foram detidos.

Um – E agora começam a deter pessoas que não conhecemos.

Dois – Dá que pensar porque é que a nós ainda não nos detiveram.

Um – Não teremos nada de que nos reprovar, pois não?

Dois – Não. Bom, acho que não... Achas que temos alguma coisa de que nos reprovar?

Um – Não sei.

Dois – Por muito que não tenhamos nada de que nos reprovar...

Um – Quando se procura, encontra-se, isso é certo.

Dois – Talvez fizéssemos melhor em mudar-nos...

Um – Para onde iríamos?

Dois – Não sei.

Um – E além disso, achariam suspeito.

Dois – Suspeito?

Um – Se nos mudamos, é porque temos alguma coisa de que nos reprovar.

Dois – De qualquer maneira, acabariam por encontrar-nos.

Um – Mudar-se é muito bonito, mas... é preciso instalar-se algures.

Dois – Acho que o vizinho da esquerda tinha acabado de se mudar.

Um – Por isso não o conhecíamos.

Dois – E seguramente foi por isso que o detiveram.

Um – Com certeza...

Dois – Tens razão, é melhor ficarmos aqui.

Um – Sim... Não é altura de chamar a atenção.

Uma pausa.

Dois – E tu, está tudo bem?

Um – Está tudo bem...

Dois – Não parece que esteja a correr bem.

Um – Sim, sim, está tudo bem...

Dois – Está bem...

Escuro.

23 – Os Papagaios

Um – A sério que pensas no que dizes?

Dois – A sério que pensas no que dizes?

Um – Não, estava mesmo a perguntar-te se pensavas no que dizias...

Dois – Ah, desculpa...

Uma pausa.

Um – E então?

Dois – Se penso no que digo?

Um – Sim.

Dois – E o que é que eu disse?

Um – Não sei. Acho que estavas a repetir o que eu tinha dito.

Dois – E tu? A sério que pensavas no que dizias?

Um – Não sei. Eu só estava a repetir o que tinha ouvido dizer.

Dois – É incrível... Então não pensamos realmente no que dizemos?

Um – Não...

Uma pausa.

Dois – Ao mesmo tempo, somos papagaios. Não é suposto termos de pensar, pois não?

Um – Ao mesmo tempo, somos papagaios. Não é suposto termos de pensar, pois não?

Uma pausa.

Dois – A sério que pensas no que dizes?

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação pública fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comédias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comédias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Dezembro de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-399-6

Documento para download gratuito